

O Espaço Concórdia - um projeto entre a realidade e o coração para a Educação de Jovens Adultos e Idosos ¹

Autora: Bárbara F. Estevanato - FE/ UNICAMP -SP - Brasil

Palavras-chave: Educação de Jovens, Adultos e Idosos; Espaço concórdia; Paulo Freire;

Resumo:

Com ideias nada complicadas, Paulo Freire e Elza Freire (FREIRE, 1987) contribuíram para pensar uma multiplicidade de propostas educativas libertadoras que tem como base o exercício de diálogo entre educadores e educandos na Educação de Jovens e Adultos e Idosos (EJAI) entre elas, o Projeto EJA Aeroporto Padre Leão Vallerie – Espaço Concórdia em Campinas que tem como princípios um formato de educação dialógica e coletivizada tanto para professores e professoras como para os/as estudantes.

Introdução

Sabemos que apesar dos desafios educacionais, hoje no Brasil encontramos avanços no que se refere ao acesso à Educação Básica, como por exemplo o fato da taxa de escolarização para as pessoas de 6 a 14 anos de idade, em 2019, ser de 99,7%, o equivalente a 25,8 milhões de estudantes, correspondendo a uma universalização de acesso ao Ensino Fundamental.

Porém, alguns dados divulgados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019 que analisa dados educacionais nos ajudam a entender que muitos/as Jovens, Adultos/as e Idosos/as permanecem excluídos/as do direito à Educação em um cenário com um elevado índice de analfabetismo e abandono escolar. Em 2019, 20,2% (ou 10,1 milhões) da população brasileira não completaram alguma das etapas da Educação Básica, sendo 58,3% de homens e 41,7% de mulheres. Os dados explicitam também elevadas desigualdades no quesito raça/cor no acesso e no percurso escolar, e as regiões Norte e Nordeste demonstram maiores índices de analfabetismo do que o Sul e o Sudeste, escancarando desigualdades socioeconômicas regionais.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Nesse processo de exclusão, fica claro que muitos direitos fundamentais foram negados a essas pessoas porque em suas trajetórias de vida precisaram trabalhar na adolescência, passaram por gravidez, dificuldades de aprendizagem, deficiências e preconceitos e por causa disso precisaram deixar a escola na idade convencional. Além disso, muitas dessas pessoas são pessoas negras, pobres, indígenas, sem-terra, mulheres, trabalhadoras empobrecidas que tem uma tensa negação de reconhecimento dos seus direitos humanos (ARROYO, Miguel, 2017, p.106) de modo que estão em uma situação agudizada de opressão.

Não é à toa que Paulo Freire e Elza Freire apontam a busca pela educação com uma possibilidade dessas pessoas lutarem contra os processos de dominação aos quais foram submetidos ao longo da vida e numa uma prática de tomada de consciência em um exercício de diálogo entre educadores e educandos, é possível dar sentido ao mundo e a si mesmos (BRANDÃO, Carlos, 1987, p. 13) possibilitando os sujeitos se inserirem no processo histórico, evitando fanatismos e inscrevendo-os na busca de sua afirmação.

Por sua vez, conforme Carlos Brandão explica que o método de Paulo Freire apresentado em “Pedagogia do Oprimido” tem como base fundamental uma educação dialógica, na qual educadores e educandos podem em um exercício de troca serem ouvidos e exprimir suas ideias, já que o dado fundamental das relações de todas as coisas no mundo é o diálogo, dependendo um dos outros para sobreviverem e darem sentido ao mundo e a si mesmos (Ibidem, p. 13).

Junto com isso, Elza Freire desenvolvia uma Pedagogia da Convivência inserindo na pedagogia da libertação os traços de se levar a importância de conhecer os educandos e seus contextos (SPIGOLON, Nima, 2016) de modo que o diálogo com os “oprimidos” abre espaço para a narrativa existencial, possibilitando o processo de conscientização Ademais, um processo educacional baseado no debate questiona os saberes hierárquicos e as relações assimétricas, tornando extremamente legítimo pensar no poder de uma educação libertadora:

É legítimo pensar em um trabalho pedagógico que se realiza todos os dias, em todas as situações em que as classes populares vivem o trabalho de sua própria organização política. Se um educador pretende ser consequente com a ideia de criar com o povo a condição da conquista de sua própria liberdade, nada é mais importante do que isto. (BRANDÃO, Carlos, 1985, p. 107)

Assim, com ideias não muito complicadas, com seu afeto e sua prática, Paulo Freire contribui para pensar a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) que

costuma atender exatamente as pessoas que Paulo Freire tanto procura estudar e estar em diálogo, uma vez que em sua proposta pedagógica a educação é vista como um direito humano.

Desse modo, na Declaração de Hamburgo de 1997 sobre a EJA, instituiu-se que a educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, pelo qual esses sujeitos podem desenvolver habilidades, adquirir conhecimentos e aperfeiçoar suas qualificações técnicas e profissionais com o objetivo de atender demandas sociais e individuais.

Porém, como Miguel Arroyo aponta em sua obra “Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito à vida justa” (2017), por muito tempo a EJAI em sistemas regulares ou programas de supletivos foram oferecidos com um planejamento de ensino reducionista e simplificado para esse público, não reconhecendo essas pessoas como sujeitos de direitos mantendo um projeto de educação que não trata e pensa sobre cidadania, humanidade e direitos humanos mantendo a segregação para esse grupo pouco escolarizado, por isso se torna importante romper com essa visão e modo de pensamento social e pedagógico:

não há como vincular EJAI e direitos humanos sem começar a superar o pensamento social, político, cultural e pedagógico que pressupõe a escolarização regular, o letramento na cidade certa ou incerta como condição para o reconhecimento desses jovens e adultos como humanos, cidadãos de direitos humanos e políticos (ARROYO, Miguel, 2017, p.108)

Com isso em mente, é possível pensar em uma multiplicidade de propostas educativas libertadoras tendo como base o exercício de diálogo entre educadores e educandos na Educação de Jovens e Adultos e Idosos (EJAI) como é o caso do Projeto EJA Aeroporto Padre Leão Vallerie – Espaço Concórdia, local que conheci durante a minha pesquisa de mestrado sobre Educação & gênero que tem se mostrado efetivo nessa proposta.

Localizando o projeto Espaço Concórdia

Na cidade de Campinas (SP), a Secretaria Municipal de Educação atua de modo descentralizado por meio de núcleos, conhecidos como Núcleo de Ação Educativa Descentralizada (Naed), divididos geograficamente por norte, sul, leste, sudoeste, e noroeste, compreendendo as Escolas Municipais de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), além das Escolas Particulares e

Instituições situadas em suas áreas de abrangência. Esses núcleos têm representantes regionais que são facilitadores na supervisão e aplicação das políticas públicas na Rede Municipal de Ensino de Campinas.

O Naed Noroeste é um espaço geograficamente de expansão recente, marcada por uma segregação socioespacial, contando com muitos moradores de baixa renda, menor escolarização e marcada racialmente (MARQUESIM, Dejanira, 2019).

A região noroeste fica a 15 km do centro da cidade e é muito conhecida por ali estar localizado o Distrito do Campo Grande, uma área muito extensa na cidade de Campinas cortada pela Avenida John Boyd Dunlop com 30 km de extensão e margeada por duas grandes rodovias - Rodovia Anhanguera e Rodovia Bandeirantes. Por estar realmente "às margens" das regiões mais elitizadas de Campinas, as pessoas mais empobrecidas e migrantes começaram a povoar o local, chegando hoje à população aproximada de 200 mil habitantes.

Para se ter uma ideia do tamanho e do fluxo de pessoas da região, segundo a prefeitura circula na Avenida John Boyd Dunlop cerca de 50 mil veículos diariamente, além de ter dois terminais de ônibus. Ainda se contarmos com o trânsito e as obras de ampliação da região que acontecem desde 2017, o fluxo é bem lento. Por exemplo, se eu sair da Unicamp, região norte de Campinas até o terminal campo grande em fluxo normal são 28 km e demora 37 minutos para chegar de carro e de ônibus 1 hora, agora se sairmos às 17h, pleno horário de pico, essa viagem vai durar mais de 1h de carro e quase 2h de ônibus.

Vale dizer que essa é uma das regiões de campinas que surgiu em 1950 com o objetivo de ser explorada pelo setor imobiliário com loteamentos enormes que visam atrair investidores, por isso, não recebeu a devida atenção de saneamento e programas sociais. escancarado o elevado índice de desigualdade social da cidade de Campinas², por isso, os Núcleos descentralizados surgiram na Prefeitura de Campinas para conseguir focalizar melhor os projetos de políticas públicas por parte do Estado de São Paulo e da prefeitura, como a ampliação de vias rodoviárias, construções de hospitais, centros de saúde e escolas, como por exemplo, a construção de terminais e uma faixa expressa de ônibus, conhecido como obras da BRT, a localização da Pontifícia Universidade Católica II (PUC II) com os cursos da área de saúde que oferecem em

² Segundo o último censo do IBGE, a partir do Coeficiente de Gini, que mede a desigualdade Social, Campinas estava com 0,56, sendo que 1,00 é a desigualdade absoluta e 0,0 é a desigualdade inexistente, colocando a cidade acima da média nacional que era de 0,5304.

parceria com o SUS atendimentos de saúde, o Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e empresas de grande porte como a Pirelli, etc.

Por dentro do cenário do território da região noroeste, dados sobre educação se mostram essenciais para compreender também a importância da Educação de Jovens e Adultos na região, conforme Sergio Stoco e Luana Costa Almeida (2011) demonstram no artigo que escreveram sobre desigualdade sociodemográfica em Campinas, as regiões abrangidas pelo Campo Grande tem um elevado índice de analfabetismo e ciclos incompletos das fases educacionais, demandando ações efetivas que realmente contemplem essa população.

“Juntos em coração para sempre!”

Quando falamos da EJAI, logo associamos aquelas pessoas que não tiveram acesso ou não conseguiram concluir a educação básica na idade dita convencional, mas é importante lembrar o que Miguel Arroyo menciona de entenderemos essas pessoas mais além do que estatísticas, como sujeitos de direitos e não apenas como pessoas que buscam suprir suas necessidades educacionais de forma supletiva e emergencial.

Assim, em vez de propor um ensino reducionista e simplificado para esse público é importante sabermos quem são essas pessoas, onde vivem, seus trabalhos e encará-los com pessoas portadoras de direitos.

As pessoas que chegam na EJAI são de diferentes idades e gerações - jovens, adultos, idosos, migrantes de diversos locais do Brasil em busca de oportunidade de trabalho, são pessoas que tiveram dificuldades de aprendizagem na educação regular e foram perdendo interesse, e a escola tem uma segunda oportunidade de resolver essa situação.

São pessoas que trabalham na área rural e urbana, são mulheres que casaram e engravidaram na adolescência, são pessoas com deficiências, pessoas negras, pessoas LBGTQIA+. De modo que pensar nessa diversidade de experiências e relações possibilita em ideias de transformação dos processos educacionais nas quais essas pessoas vão passar

Para tanto, o processo político-pedagógico desenvolvido para EJA deve romper com modelos e planos pré-estabelecidos, optando por modelos, programas e projetos que partam da vida desses cidadãos, mobilizando-os para se desenvolverem, aprenderem, permanecerem e gostarem da escola. O desafio é o de construir um modelo presencial que seja flexível para as condições dos estudantes da EJA. Essa questão de um curso presencial é

importante e precisa ser defendida por todos os atores desse processo educativo. A defesa de uma escola presencial que solidifique conhecimentos, partindo de relações pedagógicas professor-estudante que auxiliem de fato na construção epistemológica e crítica dos saberes (SANTOS, Nelton,2020, p. 58).

E foi assim que surgiu o projeto EJA Aeroporto Padre Leão Vallerie - conhecido como Espaço Concórdia por estar localizada no centro do território Campo Grande e também por uma liberdade poética - “COM”, juntos, “COR”, coração, “DIA”, eterno/para sempre" Então: “Juntos em coração para sempre!” (LEÃO,40 ANOS, p.13,2022).

Esse projeto acontece na cidade de Campinas (SP), no Núcleo de Ação Educativa Descentralizada (Naed) noroeste e iniciou-se em 2017 com o objetivo de lidar com a evasão a partir de um formato de educação dialógica e coletivizada, no sentido de trazer estruturas e princípios inovadores oferecendo turmas em todos os períodos e termos do Ensino Fundamental II, atualmente, os períodos da manhã e tarde tem aulas em um salão paroquial de uma pequena igreja no Parque Floresta II e o período noturno se reúne na Escola Padre Leão Vallerie.

Os princípios do projeto envolvem trabalhar sem hierarquização de disciplinas e com docência compartilhada em turmas multisseriadas e agrupadas, com cadeiras e carteiras em formato circular que contribua para a visibilidade, participação, coletividade e dialogicidade. O projeto conta com sua própria coordenação e corpo docente que são selecionados por processo seletivo anualmente para professores e professoras da rede municipal de Campinas que tenham interesse em trabalhar com EJA e que queiram se aperfeiçoar com cursos de formação na modalidade. Essa seleção busca profissionais da educação comprometidos com um discurso de libertação e empoderamento da classe trabalhadora e são avaliados anualmente nas assembleias com os alunos, em avaliação coletiva entre pares, pela coordenação administrativa e pedagógica e pelos supervisores responsáveis pelo projeto.

O trabalho pedagógico - TDEP, TDI e Docência Compartilhada

Partindo do princípio de uma educação dialógica e compartilhada, todas as decisões do Espaço Concórdia são tomadas de forma coletiva de modo que é incluído na jornada de trabalho o TDEP (Tempo Docente Entre Pares) para organização da vida escolar. São encontros semanais, nos quais se discutem a programação de trabalho do

semestre, estudam temas importantes que impactam no trabalho na modalidade EJAII, também é definido os temas geradores do semestre e organizado entre pares a preparação de aulas públicas e docências compartilhadas (SANTOS, Nelton, 2020).

Para se diferenciar da educação convencional oferecida na EJAII regular é oferecido TDIs (Trabalho Docente Individual), tempo pedagógico que os professores/tutores utilizam para atendimento individualizado aos estudantes. Assim, semanalmente os alunos e alunas podem ter apoio de um docente para compartilhar suas necessidades e dificuldades. Esse trabalho inclusive foi essencial para evitar a evasão durante a pandemia da Covid-19 já que era frequente o contato dos alunos com os professores antes mesmo da pandemia.

Já a docência compartilhada é uma estratégia de não hierarquizar as disciplinas que têm mais carga horária como Português e Matemática e trabalhar com a ideia de conhecimento integral. Além disso, traz aos professores o desafio de pensar com profundidade e fundamentar um cronograma transdisciplinar.

Vale ressaltar que ao colocar os conhecimentos específicos junto também traz harmonia e é mencionado entre os alunos como um dos momentos que eles mais gostam dentro do Espaço Concórdia.

Educação além das salas de aula

Quando uma criança ou um adolescente está na escola existem várias ações pedagógicas e passeios que vão além da sala de aula, como passeios, oficinas e ações que vão além do direito à Educação, como atividades vinculadas ao sistema de saúde, mas quando se pensa na modalidade de EJAII, poucos lugares oferecem atividades extra sala de aula para esse grupo, por isso, o Espaço Concórdia oferece e organiza durante os semestres variadas ações pedagógicas como as assembleias, salas circulares, aulas públicas, estudo do meio e passeios, avaliações coletivas, oficinas artísticas, bazares, cafés pedagógicos, rodas de conversas e até mesmo acompanhamento psicológico gratuito com parceria de projetos de extensão das universidades da região.

A assembleia acontece de forma bimestral com estudantes, docentes e supervisores educacionais - não tem um presidente ou coordenador, e é pedido que dois estudantes se voluntariem para fazer a mediação e a ata. Nas assembleias todas as pessoas podem falar, trazer demandas, problematizar questões, revisar o que deu certo e o que não deu e propor trabalhos pedagógicos.

As aulas públicas e oficinas acontecem com a visitas de membros externos à comunidade escolar para conversarem sobre diferentes assuntos - esse ano, por exemplo, o espaço recebeu lideranças indígenas para conversar sobre o famoso “dia do índio” e as questões políticas envolvendo os direitos da população indígena, e em outro momento receberam o coordenador da secretaria de políticas raciais na cidade de Campinas para falar sobre o combate ao racismo.

Sobre um dos momentos favoritos dos estudantes, os estudos de meio e passeios, é levado em consideração que essas pessoas têm diversos locais negados em sua existência como cinema, museus, universidades, mas que por meio de atividades com a escola tem a oportunidade de frequentar esses espaços - esse ano, por exemplo, os estudantes foram no cinema, ao teatro e até em “city tour” em São Paulo em parques e museus, e agora para o segundo semestre estão participando de atividades de experimentação científica na Universidade Estadual de Campinas e tem uma visita programada ao Museu Afro-brasileiro em São Paulo.

E por último, mas não menos importante, existe um programa de extensão da PUC que oferece assistência psicológica, na qual as psicólogas podem executar além de atendimento individuais, ações coletivas, como é o caso das rodas de conversa que falaram sobre violência contra as mulheres nesse ano.

Considerações Finais

Quando conversamos com as alunas e alunos que frequentam o Espaço Concórdia e perguntamos “o que você mais gosta do espaço Concórdia?”, elas abrem um sorriso no rosto e dizem que é tudo, que cada detalhe é importante. Para algumas mulheres as rodas de conversa foram essenciais para elas terem forças para prosseguir vindo às aulas, para outras pessoas, os passeios são momentos de alegria e descontração e sentem que estão “em família”, para outras, ainda, as aulas públicas.

Vale dizer que dentro de um processo educacional baseado no debate que questiona os saberes hierárquicos e as relações assimétricas, torna extremamente legítimo pensar que projetos de educação como o Espaço Concórdia carregam o poder de uma educação libertadora e crítica, veja por exemplo, como essa estudante diz o que a motiva a ir na escola todos os dias:

“Além da amizade que a gente pega, é o aprendizado. Porque hoje meu amigo estava discutindo sobre o ser humano, sobre evolução e já falei assim, raça é cachorro. Então a gente tava falando muito sobre o antirracismo. Então

é coisas assim que nunca na minha vida eu sabia , assim que era uma pessoa ser racista, um antirracista muitas vezes a gente acabava ofendendo a pessoa que eu nem sabia que era uma ofensa. Então, muitas pessoas ainda não sabem. Então é um aprendizado. se eu não tivesse aqui eu não tinha aprendido, né? Então é gratificante” (ESTUDANTE, MULHER DE 44 ANOS).

Assim, essas pessoas que passaram por processos de exclusão e negação de direitos fundamentais - pessoas negras, pobres, sem-terra, mulheres, trabalhadoras empobrecidas recebem no Projeto Espaço Concórdia a garantia de potencialização dos seus direitos em momentos de ensino e aprendizagem por meio de princípios pedagógicos democratizadores, dialógicos e participativos que levem em consideração os saberes e experiências desses estudantes.

Agradecimentos

Agradeço a Fundação de Apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo fomento à pesquisa via processo nº2021/08064-4.

Referências Bibliográficas:

Arroyo, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito à vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRANDÃO, Carlos. R. **O que é método Paulo Freire?** 11. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 197.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar de 2018: resumo técnico, 2019. Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_20182.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

EQUIPE LEÃO 40 ANOS, revista, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARQUESIM, Dejanira. F. **Território Educativo como garantia dos direitos constitucionais: um caminho possível?** 2019. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

SANTOS, Nelton Miranda Lima Dos. **“Humano, Demasiado Humano”- O Espaço Concórdia no Campo Grande: Sujeitos livres, Ensinantes e Aprendentes na Educação Dos sujeitos da modalidade EJA: Adolescentes, Jovens, Adultos e Idosos**. Faculdade De Educação, Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 2020.

SPIGOLON, Nima. I. **Pedagogia da Convivência: Elza Freire - uma vida que faz educação**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

STOCO, Sergio; ALMEIDA, Luana Costa. Escolas municipais de Campinas e vulnerabilidade sociodemográfica: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, p. 663-694, 2011.

TONON, Felipe. Bairro do Campo Grande é o mais populoso de Campinas. Campinas, **Correio Popular**, 2012.